

UM PRISIONEIRO DO PRESIDENTE LÓPEZ

Alberto Martins da Silva (*)

George Frederick Masterman, farmacêutico inglês, viveu durante sete anos, uma perigosa e inesquecível aventura em terras paraguaias. Chegando em Assunção em 25 de dezembro de 1861, já contratado, desde outubro, para prestar serviços na qualidade de farmacêutico, desenvolveu intensa atividade profissional na área de sua competência. Sob sua direção ficou a botica do Hospital Militar que, aos poucos, foi sendo organizada em bases mais científicas, passando a atender a todos os outros hospitais militares.

Inicialmente, passou a trabalhar no Hospital Militar com o Dr. William Stewart (médico inglês contratado pelo então presidente Antonio Carlos López e seu médico particular), nomeado como professor de matéria médica e química. Foi o introdutor do primeiro microscópio no Paraguai, e que serviu para ministrar as suas aulas, sempre com grande interesse da parte dos alunos da incipiente farmacologia paraguaia. Seu trabalho de pesquisa voltou-se para as plantas nativas, visando substituir as drogas de origem européia, de difícil aquisição. Preparou a botica para a fabricação de magnésia

*** O autor é General-de-Brigada Médico e membro Titular do IGHMB.**

e sal inglesa, e deu início a outras preparações farmacêuticas de pouca difusão no meio técnico-profissional local. Foi, na verdade, o iniciador e organizador da farmácia paraguaia. Infelizmente, sua atividade profissional foi interrompida em virtude de desentendimentos havidos entre ele e as autoridades paraguaias. Isto aconteceu em outubro de 1866, quando foi preso por não entregar certas cartas recebidas de Buenos Aires, através da Legação Francesa - cônsul Laurent Cochelet - que seriam dirigidas ao seu particular amigo o Dr. James Rhind, médico inglês, chegado ao Paraguai, contratado, em 1864, preso juntamente com o Dr. John Fox, também inglês, por ordem do Presidente López, por não terem atendido, com a devida urgência, Dona Juana Carrilo López, genitora do Presidente. O Dr. Rhind foi solto graças a intervenção da Madame Lynch; o seu trabalho foi reconhecido pelo próprio López, que lhe entregou a Medalha Nacional do Mérito.

Naquela oportunidade, o Dr. Masterman respondia pela direção do Hospital Militar, em substituição aos colegas presos. Assim, em decorrência disto, permaneceu recluso por um período de onze meses, acusado de envolvimento político contra López. Os dois médicos prisioneiros passaram três meses no cativeiro; o Dr. Rhind era portador de tuberculose, na ocasião da

reclusão, coisa que veio a piorar seu estado de saúde. Masterman somente recuperou a liberdade graças aos bons ofícios do ministro norte-americano Wasburn, que dele precisou para atendimento à sua esposa, em período de gestação. Solto, em setembro de 1867, negou-se a reintegrar o Serviço de Saúde, criando com sua atitude outro mau entendido com as autoridades militares e o governo, que não o viam com bons olhos.

Sem emprego, tentou exercer a profissão de boticário em Assunção, mediante requerimento, cuja licença lhe foi também negada. Temendo ser recolhido preso, foi trabalhar na própria Legação Americana, sob a proteção do Ministro Wasburn, na qualidade de cirurgião porque, como ele próprio escreveu:

“A pesar de que el cargo era solamente honorífico, creia me pusiera en el porvenir, à cubierto de toda persecución y me facilitara pronto alguna oportunidad para abandonar el país, aun cuando no se terminara pronto la guerra como lo esperábamos y creíamos”.

Por volta de março de 1868, deixava a residência do ministro para ir residir, juntamente com os americanos Cornélio Porter Bliss e o Major Manlove, em casa próxima à Legação Americana. Devido a situação da cidade e aos rumores de represálias por parte das autoridades, que acusavam a ambos - Masterman e Bliss - de traição e conspiração, passaram novamente a viver na residência do ministro. A partir de então, Wasburn foi constantemente

solicitado a fazer entrega dos dois suspeitos em virtude das condições não diplomáticas que apresentavam junto ao governo paraguaio.

Cornélio Porter Bliss conheceu Assunção em 1861, acompanhando o general James Watson Webb, ministro norte-americano no Rio de Janeiro, e seu secretário particular. Em março de 1863, solicitou ao governo permissão para estudar os índios do chaco paraguaio. Homem culto, deixou trabalhos sobre a história do país, e peças de teatro - “A divertida história da Tríplice Aliança” e “Fastos do Paraguai” - e viveu escrevendo cartas e discursos. Foi preso em setembro de 1868, acusado de conspiração.

O Major Manlove, ex-confederado da guerra americana, chegou em Assunção em agosto de 1866. Aventureiro e comerciante, tentou certa vez, em carta ao presidente López, permissão para fazer o curso contra as embarcações brasileiras e até atacar algumas cidades do litoral. Anteriormente chegara a pedir ao presidente Mitre permissão para adentrar no Exército Aliado e alcançar o território inimigo, coisa negada pelo comandante-em-chefe. Foi preso por acusação de traição e, naquela ocasião, a pena de morte era a punição. O presidente López o libertou, em novembro de 1866, quando passou a trabalhar nos arsenais de Assunção.

Wasburn, intransigentemente, defendia suas condições de tutelado do governo norte-americano. Quando do regresso do ministro para os Estados Unidos, tudo fez para levá-los em sua

companhia. O navio americano, “Wasp”, por ordem superior, foi impedido de atracar em Assunção, ficando ancorado em Vileta. Desta maneira, ficou criada uma situação que forçou o ministro Wasburn e sua família a embarcarem, na Capital, no navio paraguaio “Rio Apa”, para levá-los com destino à Vileta, onde os esperava o navio americano. Naquelas condições, os hóspedes da Legação estavam à mercê da ordem policial paraguaia, que não encontrou nenhuma dificuldade em conduzi-los com outros prisioneiros políticos, até Vileta, onde permaneceram presos. Foi o último susto em terras paraguaias que o médico-farmacêutico sofreu. O seu regresso também foi pontilhado de entreveros a bordo do navio americano.

Na sua obra “Siete años de aventuras en el Paraguay”, publicada em 1870, em Buenos Aires, Masterman conta toda a sua histórica odisséia junto às autoridades locais e fornece alguns dados interessantes sobre a medicina no Paraguai, sua terapêutica e nosologia. O autor, algumas vezes, extrapola em sua versão sobre o País, que torna o trabalho, em algumas partes, cheio de ódio e menosprezo aos seus habitantes e autoridades políticas. Os sete anos passados em Assunção revoltaram o farmacêutico inglês, que conta na obra citada, com todos os detalhes os seus sofrimentos quando preso, e as perseguições, as confidências dos outros presos, e as injustiças sofridas contra os profissionais, seus colegas.

Esta obra, hoje raríssima, faz

parte de minha biblioteca particular, e foi adquirido, com muita sorte, na capital Assunção, quando lá residi por dois anos, como integrante da “Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai”.

Masterman conseguiu somente que seus pertences - baús e caixões - seguissem no “Wasp”, com destino aos Estados Unidos. Inúmeras foram as tentativas diplomáticas para livrá-lo da prisão, até que, em 10 de dezembro, após três meses, foi entregue, juntamente com Bliss, ao comandante Davis, da frota americana, na qualidade de preso - talvez a única maneira de retirá-los do País - e sujeitos a responderem processo em Washington. Viajaram nestas condições para os Estados Unidos, sob severa vigilância da tripulação, que nada sabia sobre os “perigosos” suspeitos, aborrecendo sobremaneira o Dr. Masterman, que se dizia inocente da acusação contra ele assacada. Em 16 de janeiro de 1869, já em Montevidéu, seguiu com destino ao Rio de Janeiro, a bordo do navio “Guerriere”, chegando a 21. Em Washington, levado a bordo do navio-correio “Mississippi”, a 25 de fevereiro, iniciou os contatos com as autoridades americanas a respeito dos abusos que sofrera a bordo, de parte do comandante Davis e sua tripulação. A sua visita ao Secretário de Estado Mr. Seward, foi marcada para primeiro de março, às 12 horas “para conversar sobre os acontecimentos que envolveram seus nomes”. Na verdade, era mais uma testemunha dos fatos

que se desenrolavam em terras paraguaias, e boa fonte de informações, sem dúvida.

Neste mesmo mês embarca para a Inglaterra, tendo deixado um memorial assinado, para ser entregue ao Congresso dos Estados Unidos, onde deixou relatado, com pormenores, a sua vida e o seu sofrimento, desde a sua chegada em 1861, contratado como boticário, até a sua saída, em 1868, e as acusações de haver conspirado contra o governo do presidente López. Toda esta documentação foi investigada pela Comissão de Negócios Estrangeiros da Câmara de Representação, em 30 de março de 1869.

Enquanto integrou o Serviço de Saúde do Exército Paraguaio, o Dr. Masterman atuou como adjunto de cirurgia e sob a orientação do Dr. Stewart, tendo desempenhado um papel importante nas crises enfrentadas pelo Hospital Militar com a carência, na área médica, de profissionais competentes. Como inspetor de hospitais e boticas de campanha, percorreu várias regiões do país acompanhando a administração dos assuntos que ministrara e que tão bem conhecia. Os seus conhecimentos de química o levaram a colaborar com o governo na fabricação de espoletas nos arsenais militares, onde atuou junto ao engenheiro polaco Luiz Mischoluzky, casado com uma prima do presidente López, e ao engenheiro norte-americano, John Kruger, responsáveis pela fabricação dos torpedos. Pesquisou cascalhos enviados por

Charles Twist, engenheiro de minas que percorria o Paraguai a procura de carvão; este material também foi examinado pelo médico italiano Domingo Parodi, que exercia a profissão na praça de Assunção, tendo, depois, trabalhado para o governo na qualidade de farmacêutico e médico, no posto de sargento-mor. Parodi era químico, excelente orador, escritor e ótimo retratista, tendo ficado livre, durante a sua permanência no Paraguai, de qualquer acusação; foi diretor do Hospital de Caacupê.

No Arsenal e na Fundação Ibicuy, o Dr. Masterman conviveu com pessoas e coisas da Inglaterra (os técnicos, engenheiros, maquinistas, máquinas e ferramentas eram todos de origem inglesa). O engenheiro John William Whitehead foi o fundador do Arsenal e atuava como superintendente da Fundação, tendo chegado ao Paraguai em 1865, na primeira e histórica viagem do navio “Tacuary”, tendo utilizado todos àqueles com alguma formação do estudo de química, inclusive os médicos.

Com seu ar fleumático, pitando seu inseparável cachimbo, e com idéias conservadoras, tipicamente européias, o Dr. George Frederick Masterman reagiu ao novo ambiente, sem muito avaliar, adequadamente, a própria situação de profissional contratado por um governo que se achava em intensa campanha militar. Em várias partes de seu livro, assim bem o demonstra, apesar de ter contribuído com a historiografia da Guerra da Tríplice Aliança, informando

detalhes que escaparam a outros escritores da época, principalmente as questões políticas e as execuções ocorridas sob o regime das impiedosas leis marciais do presidente López. A sua obra deve ser lida por quantos se interessam pelos assuntos ligados ao período compreendido entre 1861-1868, ressalvadas, é claro, as injustiças acometidas contra o povo paraguaio.

O livro tem um Apêndice - anotações do editor – onde constam várias notas apanhadas após a derrota de Ita-Ivaté, onde estão relacionadas informações importantes sobre o período da Guerra do Paraguai como as datas dos fuzilamentos e prisões, a situação do clero e da imprensa, delações e depoimentos dos políticos que sofreram perseguições e uma “tabla de sangre”, enumerando os mortos, de várias nacionalidades.

BIBLIOGRAFIA

1. JOURDAN, E.C, **História da Campanha do Uruguay, Mato Grosso e Paraguay (1864-1870)**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1893.
2. MARTINS DA SILVA, Alberto, **Médicos do Serviço de Saúde Paraguaio na Guerra da Tríplice Aliança**. No prelo.
3. MASTERMAN, George Frederick. **Siete años de aventuras en el Paraguay**. Buenos Aires: Imprenta Americana, 1870.
4. THOMPSON, George. **Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.